

# editorial

N. 26/8/83

## Quem com ferros mata...

Uma vez mais os sul-africanos escolheram um alvo económico para perpetuarem a agressão e o crime.

Não atacaram um objectivo militar. Atacaram um centro de produção.

Não se confrontaram com forças do nosso Exército. Agrediram uma unidade produtiva, defendida pelos próprios trabalhadores.

Quem morreu em consequência da agressão?

Foram mineiros moçambicanos. Foram cooperantes que conosco colaboram na construção da riqueza. Quem é assassinado, quem é raptado pelos bandos armados são civis anónimos, pessoas de todos os dias que estão perto de nós, que somos nós próprios, unidos na identidade de sermos moçambicanos, de sermos companheiros na construção de um mundo melhor.

Para a África do Sul a agressão não visa apenas a nossa Revolução. Mais do que isso a agressão visa a Nação moçambicana, visa cada um dos patriotas moçambicanos, visa os que conosco cooperam na luta contra a fome.

Da mesma maneira que a Aviação sul-africana disparou, na agressão à Matola, sobre mulheres e crianças, os bandidos armados praticam, acto por acto, o terrorismo contra tudo e contra todos. As duas acções

são, efectivamente, produto de uma mesma estratégia de desestabilização.

As razões dominantes do ataque sul-africano às minas de Morrúa não podem ser entendidas numa lógica exclusivamente militar. Trata-se, para o regime racista de Pretória, de retirar desta acção todos os efeitos possíveis de propaganda e de impressão espectacular. Trata-se de envolver a cooperação soviética para nela forjar o pretexto de um empreendimento contra a pretensa «ameaça comunista».

Uma vez mais se manifesta a intenção de provocar dificuldades económicas ao nosso País, tentando minar os laços da cooperação económica, semeando o terror e a intranquilidade. A estratégia sul-africana é a estratégia do desespero, à procura de exportar e internacionalizar o peso do conflito que atravessa o corpo doente do regime.

Os militaristas, que detêm a hegemonia política na conjuntura sul-africana, mantêm a ilusão de que se podem opor soluções militares à luta dos povos.

Cercado pela cegueira das suas opções, perturbado pelo avolumar das suas próprias contradições, isolado de toda a comunidade internacional, o regime racista encontrará na lógica das armas, com que mata, a razão próxima do seu próprio fim.